

Crónica de uma estadia nos *good old USA*

Agosto 2016

28/09 – Recebi ontem um telefonema de uma amiga: então, e a crónica dessa viagem aos Estados Unidos? Confesso que não tinha pensado escrever. Anotara apenas umas impressões pessoais, como sempre faço, sem planear torná-las públicas. Mas esta manhãzinha, no meu vizinho parque das Conchas, enquanto andava rapidamente sobre as folhas de eucalipto que juncam o chão e estalam ao meu passar, gozando do seu cheiro, de tanto verde, do verde escuro das oliveiras... - que privilégio este espaço mesmo do outro lado da Alameda, até já temos um mercadinho de fruta e legumes biológicos ao sábado de manhã... - resolvi escrever a presente crónica.

Há algumas pessoas que se divertem ao ler estas narrativas e eu própria transformo em escrita aquilo que rapidamente se pode esvaír na memória. Vou fazendo as minhas reflexões. Aqui vai, então... e quem não tiver tempo ou disposição pode sempre passar à frente.

Organizo a crónica em cinco grandes temas (geográficos). Leiam apenas o que vos interessar.

Cornwall-on-Hudson

No aeroporto de Newark lá estavam a Sharon Thomson (que alguns de vós conheceram, quando viveu vários anos em Portugal) e a Simonetta Romano. Decidimos, a meu pedido, ir pela Palissades Parkway. Apesar do movimento de domingo retomei o percurso tantas vezes feito no meio daquele verde luxuriante – na primeira vez que a percorri, no outono de 1984, chorei de emoção estética perante a variedade de cores quentes num curtíssimo outono.

O centro do Graal em Cornwall com a casa central e o conjunto de quatro casas incluindo o eremitério, acolheu-me neste pino de verão. Tudo verde, verde, com o jardimzinho e horta biológica cuidada com desvelo pela Lucy Jones, pastora metodista, que é conhecida de alguns/mas das minhas leitoras. A zona da mata onde por vezes se vê um veado afoito, o labirinto em pedra construído por um amigo do Graal e que se tornou espaço de meditação – percorri-o várias vezes ao longo destes dias. Por aqui passei em primaveras e outonos breves e

magníficos, longos verões e invernos gelados. Em 2004, aquando de uma sabática, passei um mês no eremitério a escrever e a ler.



O edifício central e três das casas estavam ocupados com um “retiro” budista que se desenrola ao longo do mês de Agosto e financia quase todo o resto do ano. Muito trabalho para as minhas hospedeiras: a máquina da roupa que empena, a máquina da loiça que avaria, luzes que se foram abaixo, linha WI-FI a fazer greve... telefonemas a toda a hora. Mesmo assim, três momentos da semana em que a equipa da casa e alguns amigos/as da área (entre eles uma pastora presbiteriana) se reúnem para meditar a partir de textos de diferentes perspectivas espirituais.

Experimento alegria profunda, paz, doçura, gratidão. Entrego-me ao acolhimento caloroso. Cozinho o bacalhau que levava “escondido” na mala e abrimos um tinto “Duas Quintas.” Há tanto que celebrar! Tantos, tantos anos passados, estar apenas aqui, presente ao momento!

Visita a Cay Charles e Alice Gallagher

Muitas/os de nós conheceram a Cay Charles e a Alice Gallagher nas suas frequentes visitas a Portugal. Estão agora num lar de idosos, *Mount Alverno Center*. Dispensio muitas descrições daquele confrangedor espaço que acolhe dezenas (literalmente!) de idosos, por muito bonito que seja o verde à volta.

Levava o apreciado “Planalto Branco”, bem geladinho numa caixa térmica, com 3 copos de vidro (não de plástico), flores do jardim de Cornwall. *I can't believe you are here, Ticha!* A alegria da Cay era profunda, fui-me deixando comover. Tantas memórias que ela reviveu: *Golegã and the sheep, the sheep*, o pão fresco do pequeno almoço que

Ihe ia comprar quando ela ficava na minha casa: *You gave me your own bed!* Perguntei-lhe: *Gostas de estar aqui?* Um “No” perentório e os seus brilhantes e expressivos olhos azuis ensombram-se. Não havia vestígios do fulgurante cabelo ruivo que mostrava bem as suas raízes celtas. Mas era a Cay de sempre, na sua profunda alegria de viver apesar de um quotidiano tão condicionado. Afirma que não se consegue concentrar para ler e não tem paciência para as conversas *petty talk*. Lembrei-me logo, sendo os americanos um povo tão generoso, se não se conseguiria um/a voluntário/a que lhe fosse ler alguns artigos do *New Yorker* ou do *Sunday Times*. Mount Alverno Center fica longe de Cornwall.



No outro extremo do lar, atravessando múltiplos corredores, está a Alice Gallagher. Reconheci-a de costas, curvada, com o seu típico boné, guiando a cadeira de rodas. Ia para uma sessão de *arts and crafts* e estava com pressa. Reconheceu-me e abracei-a. “Gostas de estar aqui?” Um perentório “No!” continuando, “eles (os funcionários) não me deixam sair”. Não sei por quanto tempo reterá esta breve visita na memória, mas viveu o momento com alegria e surpresa.



Sai comovida e perplexa. Quando será que no Graal pensaremos a sério naquelas que deram a vida pelo Movimento? Será que não fazem também parte do nosso presente? Não podem ser descartáveis, pois não?

Casa-museu de Eleanor Roosevelt

Foi um privilégio poder visitar a Casa-museu Eleanor Roosevelt - o Val-Kill -, refúgio da família, e onde ela passou os seus últimos anos, tendo inclusive recebido lá John Kennedy, em plena campanha eleitoral. Negociou o seu apoio em troca de uma ação imediata quanto aos “civil rights” e maior poder dado às mulheres.

Uma mulher extraordinária, um exemplo, uma referência e um modelo para as gerações futuras. Afirma na sua autobiografia – que me foi oferecida pela Simonetta – que a coordenação do grupo de trabalho que escreveu a “Declaração Universal dos Direitos Humanos” foi o trabalho que mais lhe deu gozo fazer. Em Val-Kill funcionou uma experiência pioneira para as pessoas da região, que aliava formação ao trabalho no difícil tempo da Grande Depressão.

Sim, comecei de imediato a ler a autobiografia de Eleanor Roosevelt oferecida pela Simonetta mas, desde que cheguei a Lisboa a leitura está parada, tantas tarefas me esperavam.

South Bronx

Atravessada a ponte George Washington e depois de uma paragem no magnífico *Cloisters Museum*, eis-me em South Bronx, frente ao Centro do Graal. Cá fora uma pequena feirinha de roupa em 2ª mão – tudo a um dólar – a favor dos pobres da paróquia. Margarita acolhe-me e abre-me a porta. Lá dentro profundo silêncio a contrastar com a rua buliçosa. A equipa está ainda fora de modo que tenho a casa toda para mim. Sirvo-me de uma fotografia da Sónia para demonstrar onde agora estou:



Mas que “calorão!!!!”: aquele calor húmido, pesado, cinzento e opressivo que conheci tão bem. As ruas estão poluídas, menos lixo do que há 20 anos atrás, reconheço. Aqui trabalhei ao longo de três anos – vivia em Brooklyn – num programa para crianças e famílias em risco, entre 1984-87. A incidência era em visitas às casas para trabalhar com mulheres problemáticas, jovens mães – os pais “circulavam” para que elas não perdessem o “welfare” que lhes dava para viver, era assim o “sistema” –. Fazia também parte do programa um *playgroup* uma vez por semana e um “summer camp” que se desenrolava nesta altura do ano num raro jardim público com piscinas de plástico e jogos para animar as crianças. Aí, sim, é que era “calorão” porque tinha de trabalhar! Ainda hoje me lembro do nome de algumas das jovens mães e suas crianças. Foram os primeiros anos da “sida” que matou depois várias delas. Fora contratada como “early childhood specialist” e tinha de garantir que as crianças estavam “seguras”. Resmungava então que não era assistente social. Quando parti Peg Sweeney, diretora da Agência, disse-me: “és a melhor *social worker* que alguma vez tivemos”. Meu Deus, como aquele trabalho era difícil! Dois fins de tarde por semana lá ia para as aulas em Upper West Side Manhattan (atravessando Harlem de autocarro) para saber das tendências mais recentes sobre a educação de crianças pequenas!

Quando fui à missa no último sábado em Saint Luke’s encontro a Carmen Cintrón, originária de Puerto Rico, uma das ajudantes familiares com quem trabalhei e que ajudei a formar. Como é possível que ela me reconhecesse passados ... precisamente...27 anos? Foi uma alegria imensa!

O centro do Graal é uma das típicas casas altas (4 andares) e estreitas de alguns bairros de Nova York – os célebres brownstone buildings - e fica na rua principal de South Bronx, a nº 138. Lá vivem Sharon Josclyn, Mary Kay Louchart e Angelica Contreras (Angie), filha de pais mexicanos. Trabalha-se muito e a hora mais importante é a do pequeno almoço – preparado pela Sharon Josclyn que é madrugadora e que faz um café absolutamente maravilhoso. Raramente se conseguem encontrar em outra hora do dia. Pela minha parte, fui estando e saindo. Quis experimentar a vida quotidiana daquela equipa do Graal, tão implicada na vida do bairro e recebendo jovens dos quatro cantos do mundo para o programa do CSW (Commission on the Status of Women) das Nações Unidas. Um novo habitante naquela casa: um gato amarelo chamado *Tiger*, que recorreu aos meus préstimos sempre que tinha fome, o pior é que era pelas 4 da manhã, patinha a puxar-me o lençol e um miau insistente. Ao chegar, na antevéspera de eu partir, a Sónia – da equipa do Graal em Lisboa e que vem estudar Teologia – deu saltos de alegria, tal a paixão que tem por gatos!

Aqui vive-se com uma imensa frugalidade, tudo belo como é apanágio do Graal – tantas peças decorativas vindas dos quatro cantos do mundo... -, mas tudo reduzido à sua essência mais simples. Dentro de casa há paz, sobriedade, uma grande mesa na cozinha onde se fazem refeições simples, se dão dois dedos de conversa, se abrem os computadores antes que “chovam” mais mensagens. As pessoas estão conectadas. Diria que a cozinha é “o centro” da casa. Claro que também aqui cozinhei os meus petiscos. Os resíduos orgânicos vão para um compus ao fundo do breve quintal. Latas e embalagens a um lado (são recolhidas ao domingo), lixo comum do outro. Procuram-se formas de gastar menos água, gás e luz, nada é desperdiçado. Ventoinhas substituem os aparelhos de ar condicionado. Um contraponto à fúria consumista de Manhattan e ao frenesim da rua nº 138.

Bem perto fica o metro nº 6 que me leva rapidamente a Manhattan. Como me lembro bem de tudo isto, parece que foi ontem de tão familiar. Achei o metro mais limpo e seguro, com ar condicionado, às vezes em excesso – mas as estações compactas de gente eram irrespiráveis, sobretudo em horas de ponta -. No metro de NY tudo se faz: dorme-se, consulta-se freneticamente o i-pad, arranjam-se unhas e põe-se make-up, bebe-se chá ou café quente com risco de entornar no vizinho do lado, lê-se o New York Times. Tudo apesar dos avisos em contrário nas paredes da carruagem. A conservadora Ticha levava o livrinho debaixo

do braço...melhor dizendo, na mochila. Mas o mais divertido foi descobrir ao meu lado – hora mais mansa do que a de ponta – um jovem negro a desenhar rapidamente e com enorme precisão as caras das pessoas sentadas em frente. “You got talent!”, soprei-lhe eu... Contou-me de imediato a vida de jamaicano em NY, filho de pais artistas – o pai dedicou-se à arte de barbear para sustentar a família -, mas este seu digno filho tem-se dedicado à arte de desenhar faces no metropolitano. No final entrega-as às pessoas. “Mas as pessoas pagam?” pergunto eu. “Pagam se quiserem – realmente várias dão-me um ou dois dólares -... mas entrego-lhes sempre o desenho, quer contribuam ou não, porque a minha arte é sobre encontro com pessoas”. Maravilha: isto na terra do capital e dos negócios!

Manhattan

Munida de um chapéu de ganga e de um leque comprado nos chineses aqui do Lumiar, o primeiro local aonde me dirigi foi à *Liberty Tower* que substituiu as Torres Gémeas. O espaço do impacto dos atos terroristas de 2004 – o chamado *Ground Zero* – foi substituído por um jardim que circundava uma fonte quadrangular literalmente bordada por um friso em cobre onde estavam inscritos



os nomes de todos os que morreram no ataque terrorista, incluindo bombeiros e civis que procuraram salvar quem estava lá dentro e perderam também as suas vidas. Rosas brancas inseridas em alguns nomes. Apelidos de origem portuguesa.



Havia uma fila enorme para visitar o museu. Não me apeteceu estar em filas. Sentei-me num banco, em silêncio, deixando vagar o olhar naquilo tudo. Foi a primeira vez que tive coragem de regressar ao local das Torres Gémeas à procura do futuro inscrito nestas memórias. Em 2004, quando estive nos EU não tive coragem. Só vi, a partir da ponte George Washington, o vazio que as Torres Gémeas tinham deixado no sumptuoso *skyline* de Nova York. No final dos anos 80 havia um barzinho no alto de uma delas e muitas vezes levei quem me visitava para ver a magnífica vista (por exemplo, minha Mãe Teresa e as afilhadas Taticas e Teresa, a Teresa Santa Clara e a Isabel Allegro ou a Ana Maria Braga da Cruz), para depois descermos a Chinatown jantar num restaurante baratinho. Estive realmente muito tempo parada a olhar para a Liberty Tower e para as silhuetas dos carvalhos e canteiros de hera. Infelizmente não havia o silêncio que eu desejava. Estamos na época alta do turismo e todos querem captar imagens para dizerem que estiveram *lá*.

Nunca me canso de visitar o MET (Metropolitan Museum). É um dos museus mais belos do mundo e a variedade das suas coleções leva a que haja sempre algo de novo a descobrir. Desta vez, no entanto, re-visitei os impressionistas, com especial incidência na pintura de Mary Cassat, de que gosto tanto, mas também os magníficos retratos de Sergeant, bem como Homer e as diferentes figurações do mar na costa do Maine – um olhar infatigável e sempre diferente sobre o mar. A grande novidade é que há autorização para fotografar desde que não se use

flash. A multidão de gente mal se detém em cada pintura ou escultura: apenas capta a fotografia e passa ao quadro seguinte. Estranho: como não bastasse viver o tempo presente com intensidade e profundidade, mas apenas interessasse captá-lo para...o levar para casa.

Central Park, a maravilha de sempre. Fui avançando para longe dos magotes de pessoas e de vendedores ambulantes. Vejo menos sem abrigo (que lhes terão feito?) ou solitários a falar sozinhos. Em contraponto tudo fala para o seu i-pad. Muitas crianças, o que me encanta – *niñeras* passeando os carrinhos, algumas numa deliciosa interação com os bebês, outras mais interessadas nos seus i-pads. Menos pessoas com cães do que entre nós, ou estarei a ver mal? Aumentou o número de população obesa, sobretudo nos bairros mais pobres. Uma família passeia-se no parque: mãe completamente tapada com uma burka castanha, ninguém olha a não ser eu. Em contraste os meus olhos debruçam-se também – à devida distância – sobre duas famílias que gozam o fresco da relva completamente nuas da cintura para cima – uma das mulheres parecia uma figura do Botero. As pessoas passavam, passavam... como que encolhendo os ombros por dentro. Tudo é possível nesta metrópole imensa.

Ao sair do metro número nº 6, pela Lexington avenue, vejo o Bloomingdale's. Resolvo entrar, feita rica, na esperança de que houvesse um saldo onde pudesse comprar uma gracinha para os anos de duas das minhas irmãs. E o ar condicionado é agradável. Uma espécie de "mordomo", olhando-me de cima abaixo, pergunta-me onde quero ir: "saldo de roupa de senhora" Refere-me 3 andares com um ar respeitoso mas displicente: devo ter o ar de uma estrangeirada que ficou em casa de amigos em S. Bronx e que veio cheirar as lojas de Manhattan. Não se engana. De cabeça bem levantada subo aos 3 andares. Em cada recanto roupa de um determinado costureiro – não sabia que havia tantos. Alguns com baixa de preços: numa tee shirt de 250 dólares, anunciava-se um desconto para 200. Um vestido de 1.000 dólares podia baixar para 800. Desci rapidamente - "isto não é para mim!" e senti o quanto tudo aquilo pode ser obsceno. No entanto, muitos asiáticos a comprar, ficarão mais felizes? passe-se a insinuação "moral" e a pergunta inconveniente. Na 5ª Avenida as lojas brilhavam. Passei pela Torre Trump altamente fotografada pelos turistas, com a intenção de me sentar um bocadinho na Catedral de St. Patrick, pequenina e envolta em edifícios tão altos e pesados. Mas St. Patrick's estava uma feira, tantos os turistas. Entrei numa outra igreja um pouco mais à frente –

Saint Thomas Church, Anglicana, gótica revivalista, uma fabulosa rosácea azul turquesa ao fundo do altar, um retábulo fabuloso (the Great Reredos) em pedra, baixo relevo, figurando santos e mártires, apóstolos, bispos... nem uma santa, à exceção de Nossa Senhora. O que nós sabemos. Silêncio absoluto, tudo na semi-obscuridade. Só o guarda lá fora interrompia o silêncio. O ar condicionado tornou-se frio demais – que desperdício!– e voltei para o calor impiedoso da rua. Umas avenidas abaixo - os preços vão baixando exponencialmente – parei numa Starbucks para beber um café com muito gelo – estes amigos americanos não sabem fazer café! E agora temos Starbucks em todo o lado... – que obrigou a minha tensão a subir.

Em Greenwich Village reencontro a saudosa amiga do Graal, Jackie di Salvo, sempre a mesma, nunca a mesma. Falou-me da sua enorme e solidária família italiana e da presente atividade académica e política. Nunca se cansa de estudar Milton. É considerada uma sumidade internacional neste poeta. Almoçamos num restaurante italiano, como tinha de ser. Greenwich Village, um bairro onde é bom deambular...

Não poderia deixar de ir ao MoMA (Museu da Arte Moderna). Um mundo! Tratando-se de um museu privado pagam-se 18 dólares (sénior) de entrada. Proibitivo. Mas naquele sábado estava literalmente cheio. Os “cata fotos” dos quadros ainda eram mais. Com licença...com licença... lá ia esperando que os mais altos se afastassem para dar lugar aos mais baixos como eu... Interessantíssima exposição logo à entrada. *The Mapping Journey Project* do artista franco-marroquino Bouchra Khalili: um conjunto de 8 vídeos demonstra a história do percurso de 8 diferentes refugiados “ilegais” entre o seu país – norte de África e Médio Oriente - e a Europa: mapas, mãos a demonstrar percursos, muitas idas e vindas, o desejo de chegarem ao norte – Alemanha, Suécia, Noruega, Reino Unido. Simples vozes na respectiva língua (legendada) a narrar e a desenhar percursos. Não há caras: apenas mãos a desenhar percursos e vozes. Muito forte, mesmo, um verdadeiro murro no estômago! Provoca uma reflexão sobre questões como cidadania, fronteiras, comunidade, “numa perspetiva crítica e ética”, segundo o curador.

Surpresa grande foi a visita ao recente *High Line Park*, construído sobre uma antiga linha de comboio suspensa que ligava por cima de enormes colunas o West Side – Chelsea, junto ao Hudson, um bairro em tempos industrial – a outra zona da cidade. Cerca de 20 quarteirões. Quilómetros ajardinados que se vão caminhando... plantas variadas e cheirosas, pequenas fontes, esculturas, espaços para parar e ficar a ler

numa sombra ou beber uma breve bebida (em sítios devidamente assinalados) ou apenas a olhar quem passa. O rio azul com os prédios de New Jersey ao fundo. Um lugar de grande magia que desemboca no Whitney Museum of American Art, onde se dá prioridade ao retrato dentro da arte moderna americana: visitei Andy Warhol, Edward Hopper, Jasper Johns, Georgia O'Keeffe, etc. Ao descer, uma interessante instalação de Sophia Al-Maria – um centro comercial algures num dos países do Golfo Árabe. Vista fabulosa sobre o skyline de Nova York, a Estátua da Liberdade ao fundo.

Regresso

Com a generosidade de sempre, fui levada ao aeroporto pela Sharon Joselyn, Mary Kay e Sónia. Deixam-me à porta. Digo adeus às queridas amigas. Olho com uma ponta de emoção o skyline de Nova York... até uma próxima vez, assim o espero. Estes dias foram tempo de usufruir, de rever velhas amizades, de contemplar coisas boas e belas. A minha casa acolhe-me, apesar da noite sem dormir. Um calor muito menos opressivo e, sobretudo, menos húmido, mas as plantas mais bonitas da varanda aguentaram mal os dias quentes. Até as resistentes sardinheiras queimaram! Tenho cuidado da sede que tiveram ao longo destas duas semanas: umas rebentaram novamente, plantarei de novo outras...

New York, New York

Start spreading the news
I'm leaving today
I want to be a part of it
New York, New York

These vagabond shoes
Are longing to stray
Right through the very heart of it
New York, New York

I wanna wake up in that city
That doesn't sleep
And find I'm king of the hill
Top of the heap

These little town blues
Are melting away
I'll make a brand new start of it
In old New York

If I can make it there
I'll make it anywhere
It's up to you
New York, New York

New York, New York
I want to wake up
In that city that never sleeps
And find I'm a number one, top of the list
King of the hill
A number one

These little town blues
Are melting away
I'm gonna make a brand new start of it
In old New York

And
If I can make it there
I'm gonna make it anywhere
It's up to you
New York, New York, New York
(Frank Sinatra, Liza Minnelli)

Ticha
Agosto de 2016